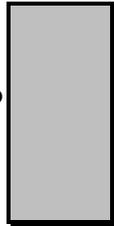


Artigo



O IMIGRANTE E A RUA: IMAGENS DA CIDADE DE PORTO ALEGRE NA PERSPECTIVA DE QUEM CHEGA

Haike Roselane Kleber da Silva*

Resumo

Este texto busca imaginar a chegada de um imigrante alemão a Porto Alegre, no final do século XIX, e as possíveis impressões que a cidade lhe causa. A narrativa não trata de um personagem específico ou real, mas pode ser aplicada a vários casos de imigrantes alemães vindos naquele período e que desejaram estabelecer-se em Porto Alegre. A forma narrativa espelhou-se na figura do *flâneur* (de Walter Benjamin), que, ao andar pelas ruas, vê a cidade real e a cidade que deseja. É também uma possibilidade, na perspectiva de Natalie Zemon Davis.

Palavras-Chave: cidade, imigrante alemão, Porto Alegre.

Abstract

This text aims to imagine the arrival of a German immigrant to Porto Alegre, in the end of XIX century, and the possible impressions that this city causes upon him. The narrative does not describe a specific or real character, but can be applied to several cases about German immigrants come at that period and looking for to establishing in Porto Alegre. The form of the narrative is based on the figure of *flâneur* (by Walter Benjamin), who, walking on the streets, see a real and an idealistic city. It is a *possibilities*, in the view of Natalie Zemon Davis.

Keywords: city, German immigrant, Porto Alegre.

* Doutoranda de Pós-Graduação em História da UFRGS.

Introdução

A narrativa que se seguirá não se refere a algo que aconteceu concretamente. Ela não pode ser historicamente comprovada como um acontecimento. Trata-se de uma *possibilidade* ou então uma *probabilidade*. Esta é a primeira advertência, sobre a qual ainda serão tecidos alguns comentários que poderão situar este devaneio dentro da historiografia.

A cidade de Porto Alegre já foi descrita em poemas, romances, músicas, relatos de viajantes, documentos oficiais, na imprensa e ainda em imagens. Também os historiadores, dentro e fora da academia, não cansam de descrevê-la, em geral analisando seus problemas, sua evolução, suas particularidades em relação a outras cidades. Este artigo propõe fazer mais uma descrição. No entanto, esta descrição tem um enredo, que é fictício, mas pode também não ser.

Entre os diversos personagens que povoam e povoaram Porto Alegre, imaginemos um jovem imigrante alemão que chega à cidade em meados de 1880, viaja sozinho e tem alguém a sua espera. Ele tem algumas posses e vê na cidade de Porto Alegre o fim de sua jornada. Este não é o imigrante típico que veio ocupar as terras devolutas, plantar e produzir excedentes, com o auxílio, em geral, de uma família numerosa. Mas também não se pode dizer que fosse exceção. Alguns vieram solteiros e selaram laços, em sua maioria, com filhas de imigrantes da mesma etnia na terra de destino. As características do personagem não foram criadas aleatoriamente. Elas combinam com um certo imigrante, denominado Jacob Aloys Friederichs, nascido em Merl, na ex-Província do Reno — atual estado da Renânia-Palatinado, na Alemanha —, que aos 16 anos de idade, vem ao Brasil para estabelecer-se junto ao irmão em Porto Alegre. Não se trata aqui de relatar o que este personagem real viu ao desembarcar na cidade em novembro de 1884 — pois não temos informações precisas sobre isso —, mas o que poderia ele ou outro imigrante em semelhantes condições ter visto. Esta, portanto, é a segunda advertência: o personagem é anônimo, mas possui, pelo menos, um referente real.

Neste enredo, o personagem imigrante irá percorrer um pequeno trajeto dentro da cidade, que se inicia ainda na embarcação, de onde tem uma vista panorâmica do que foi, um dia, Porto Alegre. O ponto final é a rua Voluntários da Pátria, então Caminho Novo, reduto de casas comerciais teutas, onde pode ter acolhida na cidade. O final dessa caminhada também não é aleatório. Foi escolhido por coincidir com a localização da oficina de Miguel Friederichs, irmão de Jacob Aloys Friederichs, provável destino deste personagem quando de sua chegada a Porto Alegre.

Algumas leituras estimularam a construção desta narrativa. Por um lado, a conhecida obra de Natalie Zemon Davis - *O retorno de Martin Guerre* - e a problemática desenvolvida pela autora das *provas e possibilidades*. De outro, a *flânerie* em Paris empreendida por Sérgio Paulo Rouanet no texto *É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?*, inspirado em Walter Benjamin, que busca no *flâneur* um olhar detalhado e qualificado sobre a cidade.

A perspectiva lançada por Natalie Davis é a da construção da narrativa historiográfica com base não apenas em fatos comprováveis, em provas incontestáveis, mas em *possibilidades*. Não se trata de autorizar ao historiador a invenção puramente ficcional, pois a discussão não se refere à contraposição entre *verdadeiro* e *inventado*. Trata-se sim da aproximação entre *verdadeiro* e *verossímil*.¹ Uma investigação profunda, que na falta de provas, utiliza-se de situações análogas ao objeto estudado para preencher as lacunas da narrativa, sem jamais deixar de assumi-las como *possibilidades*. Por isso, o uso de expressões como *talvez*, *certamente* ou *muito provavelmente* é freqüente em seu livro. Em outras palavras, busca-se no contexto uma explicação plausível. O contexto é a chave para o desenrolar da narrati-

¹ Ginzburg (1989, p.183), ao tratar do livro de Davis, compara a ótica do juiz à do historiador no que se refere à realidade ou à verdade dos fatos. Para o juiz, “a margem de incerteza tem um significado puramente negativo” e conduz a uma absolvição por falta de provas. Para o historiador, a incerteza “obriga a um aprofundamento da investigação, ligando o caso específico ao contexto.”

va; ele é entendido como o *campo das possibilidades*. Se, de um lado, o exemplo de outros atores sociais pode completar, de forma verossímil, uma história singular; pode-se admitir, de outro, que histórias singulares contribuem para a compreensão de processos coletivos.

No âmbito deste artigo, a perspectiva de Davis ajudou a formular o seguinte pressuposto: o de que a cidade de Porto Alegre, suas paisagens, espaços e gente, tão observados por olhos de diferentes investigadores — que produziram sobre a cidade conhecimentos reconhecidos como *verdades* —, pode ter sido analisada também pelos olhos dos imigrantes que aqui chegaram. Sem as *provas* em mãos para relatar o que realmente viram ou viu algum imigrante específico, procura-se imaginar (criar *imagem*, *representar*) um quadro *possível* de impressões de um observador com esta qualificação, tendo como base os conhecimentos existentes sobre o contexto da época.

Explicados o personagem e a abordagem, comento ainda a ação que envolve o texto. O personagem anda e vê. Por onde transita, apreende informações e produz impressões. Mas os lugares por onde ele passa também possuem uma trajetória, um passado, que é desconhecido do passante, mas não do narrador. Portanto, o imigrante desta história empreende algo como uma *flânerie*: uma leitura da cidade. O *flâneur* é o “leitor da cidade por excelência” (Pesavento, 1999b, p.31). Alguns pontos de contato e também diferenças são observáveis nas idéias do *flâneur* e do imigrante. Ortiz (2000) compara o primeiro ao viajante — que em relação ao imigrante pode ser visto como apenas um visitante passageiro, ou, na expressão de Raison (1986), um “migrante sazonal” ou “temporário”:

A viagem é sempre um deslocamento através de espaços descontínuos. Aquele que viaja sai de ‘seu’ território, de um mundo que lhe é familiar, para encontrar outros lugares, distantes, separados de sua vivência anterior. O viajante é um estrangeiro, alguém à parte do universo descrito pelo relato de viagem. De alguma maneira o *flâneur* partilha com ele sua condição de exterioridade. (...) Para o viajante, a condição de estranhamento está contida no próprio ato do deslocamento. O ponto de partida do olhar encontra-se imediatamente afastado dos dados coligidos. Quem

observa é naturalmente um estranho. O *flâneur* deve compreender um elemento do qual ele é parte integrante pois viaja sem sair do lugar. Para ele a cidade é moradia e paisagem. Moradia porque aí ele habita, ele nela se insere como um nativo; paisagem pois a proximidade do quadro que o envolve deve ser apreciada à distância (Ortiz, 2000, pp.21-22).

Inúmeras outras diferenças ainda podem ser detectadas entre o *flâneur* e um imigrante, ou um viajante, mas que no momento não serão analisadas. O *flâneur* é, neste trabalho, um elemento instigador: da investigação e da forma narrativa. É uma espécie de modelo.

O imigrante e suas primeiras impressões

Lá está o jovem imigrante de olho fixo na direção de seu futuro. Há quem dissesse que a um jovem o futuro não interessava e que seu olhar despreocupado só miraria o presente. Esta era a convicção, por exemplo, de Karl von Kosertiz, importante liderança teuto-brasileira do século XIX, que, em viagem ao Rio de Janeiro em 1883, relembra sua chegada a Porto Alegre, 32 anos antes, e analisa sua atitude frente ao novo que lhe aparecia: “como era o moço despreocupado, como observava desinteressadamente o seu novo país! Que lhe importava fosse belo ou feio, rico ou pobre? O sangue ligeiro da juventude corria nas suas veias; ele vivia para o momento e não pensava no futuro” (Koseritz, 1980, p.17). O fato desse personagem ter vindo como aprendiz de marinheiro, sem pretensão inicial de permanecer no país, talvez tornasse este olhar mais desinteressado. Mas a indiferença não era regra. E, como a um viajante, o novo aguça o interesse do personagem deste enredo.² Sua situação de imigrante, além de causar curiosidade, provoca medo e expectativa, mesmo aos olhos de um jovem. Aqui se pode associá-lo ao *flâneur* uma vez que ambos vêem a cidade não apenas na sua concretude, mas como num sonho. “A cidade habita os homens”, pois habita seus sonhos, suas expectativas: do *flâneur* e do imigrante.

² “O ingresso em uma cultura estranha ou semi-estranha transforma o viajante em observador”, afirma Burke (2000, p.142).

Ao aproximar-se da cidade, o jovem lembra das últimas impressões da longa viagem, da decepção ao desembarcar em Rio Grande, visão desoladora comparada à costa do Rio de Janeiro. Semelhante avaliação teve o já citado Koseritz, que relata:

Agora recordo-me do dia em que, atravessando a barra com bom tempo, entramos finalmente em Rio Grande. Que infundável e tristonha impressão me causava esta costa arenosa, que se abria diante de nós... O coração se me apertava, e eu não pressentia que esta província, que se me apresentava sob forma tão triste, seria para mim uma segunda pátria, a que eu me apegaria com todo o amor do meu coração e pela qual eu trabalhei como se ela fosse a terra do meu nascimento (Koseritz, 1980, p.16).

Outro alemão que viajou pelo Brasil durante 10 anos concorda com este veredicto. Seidler afirmava:

A primeira vista desta costa está longe de ser tão bonita como o Rio de Janeiro. Em lugar dos magníficos penhascos e serras que envolvem a capital e seu porto como uma cintura encantadora, aqui se acha areia e grama. (...) A areia que envolve o Rio Grande como um grande manto de pó, triste e sombrio, estende-se quatro léguas para o interior, onde então repentinamente a província quase toda se transmuda numa única enorme pastagem. A superfície toda parece uma grande serpente, sem grandes montes mas também sem planícies (Seidler 1980, p. 95).

Mesmo em épocas diferentes — Seidler em 1825, Koseritz em 1851 — a chegada ao Rio Grande deveria continuar sendo, por volta de 1880, uma visão desoladora frente à paisagem do Rio de Janeiro.

A embarcação vai chegando ao seu destino e aponta-se a cidade que o receberá. Esta última apresenta-se como um panorama no qual se encontram os principais elementos do que era então Porto Alegre. “Disposta em anfiteatro sobre um dos lados da colina que atravessa a península” (Pesavento, 1999b, p.248), a cidade lhe parece grande. Muitos prédios se aglomeram na parte baixa, enquanto, ao fundo, podem ser vistos morros com mata virgem. Algumas edificações de maior porte se colocam junto à beira do rio. Ergue-se no topo da colina majestosa igreja e não menos imponentes prédios, que

parecem irmãos gêmeos, logo mais abaixo. Mais tarde, o imigrante descobrirá serem o Theatro São Pedro e o Palácio da Justiça.³ O traçado das ruas é difícil de distinguir, mas parecem todas apertadas e estreitas. Embarcações podem ser vistas por uma vasta extensão da margem do rio. Algumas chaminés apontam na paisagem, o que pode representar, para um imigrante, possibilidades de se integrar na vida da cidade. A paisagem era então mais “cordial e saudável” (Koseritz, 1980, p.39). Compartilhando impressões com outros imigrantes, muitos deles italianos, que o acompanham no *deck* da embarcação, a imagem é, para o imigrante, satisfatória. A cidade lhe parece bela.⁴

“Povoamento”, “freguesia”, “vila”, “cidade” ou “aldeia”, o imigrante não consegue avaliar a condição jurídica do lugar no qual chega. Isso porque a concepção de aldeia ou de cidade alemã não condiz com a concepção lusa. Como afirma Weimer (1992, pp.57-58), a aldeia é a origem de qualquer cidade alemã; ou seja, no mundo germânico, toda cidade descende de uma aldeia, seja pelo seu crescimento e expansão, seja pela integração de duas ou mais aldeias. Toda cidade alemã tem sua origem camponesa, o que significa economia e sociabilidade aldeãs. Nesse sentido, o imigrante compara aquele lugar ao de onde saiu e onde viveu anteriormente, como a pequena Merl, entre Trier e Koblenz, “pitoresco e prolongado povoado, produtor de vinho”, de onde vieram alguns imigrantes como Bins, Kroeff, Friederichs, ou ainda Sehl, Treis, Kallfelz, Griebler, Schmitt, Scheid, Thiesen, Hendges, Zensen e Schmengler (Fausel, s.d., p.1). Compara também com aqueles pelos quais passou em sua viagem, de onde vem à mente as imagens dos portos

³ Já no início do século XIX, era possível distinguir-se nitidamente a cidade alta da cidade baixa: “a vida comercial e portuária se concentrava na baixada da praia, fronteira às ilhas, e na cidade alta, sobre a colina, articulou-se o centro cívico. A cidade alta agregava a Praça da Matriz e a Igreja Matriz, ao que se acrescentou o Palácio do Governo (1784) e a Casa da Junta (1790).” (Pesavento, 1999b, p.250)

⁴ Descrição baseada no conjunto de fotografias dos irmãos Ferrari: Litoral seção 2, Litoral seção 3 e Litoral seção 4. Acervo Sioma Breitman – Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo.

de Hamburgo, Rio de Janeiro ou ainda outros. Numa primeira impressão, Porto Alegre pode até parecer uma “metrópole”. Há quem a considerasse, no final da década de 1890, uma “aldeia”, como Borges de Medeiros - presidente do Estado entre os anos de 1898-1907 e 1912-1928- assim a definia (Gans, 1996, p.12), ou como “um povoado onde todos conheciam a todos” (Fausel, s.d., p.4). Comentários à parte, a cidade começava, desde os anos de 1870, a mostrar feições burguesas, segundo afirma Pesavento: “A cidade se expandiu e ganhou melhorias, a ponta da península cresceu, os primeiros aterros tomaram forma e as fábricas e pequenas indústrias começaram a povoar o Caminho Novo” (1991, p.33).

A cidade não é apenas o que se vê, mas o que se quer. É também construída uma representação utópica. Os projetos de modernização levados a cabo no final do século XIX mostram nitidamente a “Porto Alegre que se quer burguesa, bela, moderna, higiênica, ordenada ... e branca” (Pesavento, 1999a, p.116) . Mas não só os poderes públicos que constroem utopias. Também o faz aquele que chega. Uma nova comparação entre o *flâneur* e o imigrante pode aqui ser feita. O primeiro, fruto da modernidade, tem uma visão cínica e cética da cidade; a cidade moderna tem uma transcendência *acima do bem e do mal*. Já o imigrante vem inspirado por uma visão romântica, baseada em Fichte e outros pensadores da mesma linha, para a qual a cidade é avaliada como *virtude*, em especial a que é pequena, genuína criação do *Volk* (povo), a cidade comunitária. Ela é “um agente formador de cultura por excelência” (Schorske, 1989).

Já de perto o imigrante vê o porto, zona de entrada de bens e pessoas, corredor econômico de saída da produção colonial, mas também um corredor cultural. Pelo porto chegam novos cidadãos, com outras influências e vivências, com uma cultura diferenciada. Na década de 80, por exemplo, os alemães que por aí adentram na cidade vêm, em sua maioria, com noções de pertencimento étnico, de cidadania e nacionalidade próprias do momento vivido pela recente nação alemã. A questão da integração ao país que os

recebe é, neste caso, um tanto problemática. A identificação com o “ser alemão” ainda tem um peso bastante forte.

O cais do porto, localizado junto à alfândega, é o primeiro contato terrestre do imigrante com sua nova cidade. Ao aproximar-se o verão⁵, os ventos castigam as embarcações. Mas graças à profundidade das águas junto ao cais estas conseguem atracar.⁶ Algumas vezes, as manobras de desembarque tornavam-se bastante difíceis, sendo necessário partir para uma solução externa, como os *negros de ganho*, que até meados do século XIX povoavam a área portuária, ora como rebocadores, ora como vendedores de frutas e outras mercadorias. Em caso de problemas de atracagem, negros escravos puxavam as embarcações com um cabo ou, dependendo da situação, subiam a bordo e remavam até que as mesmas estivessem em posição para o desembarque (Carneiro, 1992, p.41). Em meados da década de 1880, algo nessa paisagem pode ter mudado, já que, em 1884, o movimento abolicionista se adianta na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Não quero dizer com isso que a situação da população negra tenha sido alterada positivamente; apenas que os negros podem ter sido deslocados para outras atividades. No entanto, como afirma Pesavento, nos primeiros anos após a abolição da escravidão no Rio Grande do Sul, esses trabalhadores continuaram atrelados a seus postos como prestadores de serviço, condição presente nas negociações do movimento abolicionista de 1884 (Pesavento, 1989, p.33).

Enfim a terra firme. Que diferente é o olhar de um imigrante que chega a seu destino final na capital gaúcha comparado àquele que ainda precisa esperar alguns dias para que uma outra embarcação o leve rio acima, pelos rios dos Sinos, Caí, Taquari ou Jacuí, onde ainda se encontram terras para sua integração na economia como colonos. Na primeira metade do século,

⁵ E aqui vai mais uma referência a um personagem real, pois Friederichs chegou em novembro a Porto Alegre.

⁶ Bakos (1996, p.17) atribui, em parte, às condições geo-climáticas do porto de Porto Alegre a intensa atividade comercial que, desde cedo, envolveu aquele local: águas profundas e protegidas dos ventos.

os imigrantes “chegavam a Porto Alegre e ficavam arranchados na zona norte da cidade, aguardando a demarcação de terras, provisões e barcos a remo para a longa viagem pelo rio dos Sinos — o momento em que seriam de novo ‘navegantes’” (História, 1999, p.61).⁷ Mais uma vez esperar. Esperou em Hamburgo, “até que completasse a carga”, esperou no Rio de Janeiro, na hospedaria da Ilha das Flores⁸, esperou em Rio Grande. Deve esperar apenas um pouco mais. Aquele que desembarca onde vai ficar, observa, aguarda quem virá buscá-lo, encontra quem antes dele veio descobrir a cidade, ou parte sozinho para a prospecção.⁹

A princípio, tudo parece novo e estranho. Uma grande variedade de tipos de gente se entrecruza nas ruas. A cidade causa uma certa impressão de sujeira¹⁰. Pessoas de diferentes condições étnicas e sociais podem ser

⁷ Em meados da década de 80, algumas mudanças significativas haviam ocorrido: a imigração já não era estimulada pelos órgãos oficiais alemães, fazendo diminuir o fluxo migratório, principalmente para o Brasil; alguns anos já se passavam do início da imigração de italianos, maior contingente de estrangeiros chegados ao país.

⁸ Zaidman (1983, p.51) analisa, de forma bastante quantitativa, a passagem de imigrantes pela Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, durante o Império. Descreve a hospedaria como um lugar onde os imigrantes permaneciam “o tempo necessário para o despacho de suas bagagens na alfândega, a indicação ou escolha de seu destino bem como a espera da condução que o levaria ao destino estabelecido”. Esta hospedaria foi criada em 1879 e recebeu, até o final do período imperial, 2328 alemães.

⁹ Macedo (1999, p.110) afirma que muitos imigrantes alemães permaneciam na cidade de Porto Alegre por haver condições, em torno da metade do século, para ali se integrarem: “Parte dos colonos alemães, na verdade artesãos e comerciantes, permaneciam por isso mesmo em Porto Alegre, (...), produzindo bens de utilidade urbana e negociando com eles. Segundo Ave Lallemand, em 1858, já se contava com 3500 desses trabalhadores, que representavam 18,9% da população da capital”. Gans (1996, pp.14-16) considera exagerada a estimativa de Ave Lallemand e, partindo basicamente de censos demográficos, estatísticas do chefe de polícia e registros paroquiais, estima um número de 1260 teutos para o mesmo período analisado pelo viajante.

¹⁰ Pesavento (1999b, p.256) comenta que “apesar da regularização da coleta de lixo ter sido fixada por lei municipal em 1876, o povo não deixava de reclamar pelos

vistas circulando no mesmo espaço em se tratando da área comercial da cidade. Afinal,

os populares ainda não haviam sido expulsos para a periferia, varridos pela onda de reformas modernizadoras que iria ocorrer no começo do século XX, nem os investidores do mercado imobiliário haviam começado a projetar e construir os bairros populares”(Gans, 1996, p.39).

A primeira visão era a de uma praça, o “coração da aldeia”. Foi-se o tempo em que a Praça Senador Florêncio, que fora da Alfândega, era “um banhado disputado pelo rio” ou um ajuntamento de “vendedores avulsos”, de quitandeiros que, por muito tempo, emprestaram ao local o nome de Largo da Quitanda (Carneiro, 1992, p.56)¹¹. Essa praça dava acesso à rua mais importante da cidade, mais movimentada, mais extensa, mais antiga também, o “foco principal dos negócios” (Franco, 1983, p.20). A grande movimentação da rua da Praia já era comentada em 1820 por Saint-Hilaire: “Nela se encontram numerosas pessoas a pé e a cavalo, marinheiros e muitos negros carregando volumes diversos. É dotada de lojas muito bem instaladas, de vendas bem sortidas e de oficinas de diversas profissões” (Saint-Hilaire *apud* Franco, 1983, p.23). Em 1857, era ainda praticamente a única rua comercial, estendendo-se esta atividade até a rua da Bragança (hoje Marechal Floriano) (Franco, 1983, p.40). Na década de 80, o comércio já se expandira pela rua Sete de Setembro, ou pelo Caminho Novo e outras ruas mais.

O que era estranho ao imigrante, aos poucos, começa a se tornar conhecido, reconhecido, familiar. O biólogo teuto-norte-americano Herbert Smith (1851-1919), que relatou sobre sua chegada a Porto Alegre em 1881,

jornais: ‘inúmeras ruas há cujo trânsito repugna a população, devido aos miasmas que exalam das sarjetas, motivados pelos despejos feitos pelos canos e ainda pelo lixo e água servidas atiradas à rua’”. O trecho foi retirado do jornal portolegrense O Mercantil, de 11 de janeiro 1884.

¹¹ A praça, que se tornou da Alfândega quando o entreposto alfandegário foi construído (1820), passou a chamar-se praça Senador Florêncio em 1883. Em 1979, volta a denominar-se praça da Alfândega.

impressionou-se com uma certa “mistura entre Alemanha e Brasil”.¹² Em sua avaliação, “em toda parte se vislumbram sinais da presença de comerciantes alemães: na esquina se ouve a língua da pátria de origem. Moços-defrete alemães carregam as malas dos que chegam até uma hospedaria alemã, onde um proprietário alemão, com sua bela senhora, igualmente uma alemã, recebe os hóspedes como velhos amigos¹³”. Não eram poucas, neste último quartel de século, as casas comerciais de imigrantes alemães em funcionamento na rua da Praia. A presença desses estabelecimentos no local era significativa desde a década de 60, principalmente aqueles do ramo do vestuário (Gans, 1996, p.32). Ao passar pela rua da Praia, o imigrante não poderia deixar de ver as lojas de Mathias Bins, Carl Bohrer, Luise Christoffel, Peter Jung, Johann Adam Klein, Johann Engel, as grandes casas de moda que pertenciam a famílias alemãs. Havia ainda as de médio porte e os mestres de ofício como Wilhelm Döpfner, Wilhelm Eggers, Emilio Hanssen, Heinrich Kühlcke, Valentin Mensch, todos chapeleiros; ou Jacob Reichel e August Müller, sapateiros. Mas na década de 80 a diversificação já se fazia sentir através de estabelecimentos de ramos diversos, como a metalurgia, produtos alimentícios, ourivesaria, relojoaria, tipografia e ofícios de transformação de madeira, pintura, além de profissionais da educação e do direito. Gundlach, Dreher, Freitag, Masson, e um grande número de comerciantes e profissionais podiam dar à rua um ar de “mundo conhecido”¹⁴. A cidade de Porto Alegre tinha, neste período, um *quê* de alemão. Na avaliação de Paul Singer (1977), poderíamos denominá-la de “cidade dos alemães”. Estes

¹²Allgemeinde Lehrerzeitung, Organ des Deutschen Evangelischen Lehrer-Vereins. Porto Alegre, v. 28, n. 5, maio 1931. p. 7.

¹³ Idem. (Tradução livre da autora).

¹⁴ O texto de Magda Gans, já citado anteriormente, traz em anexo um riquíssimo levantamento das casas comerciais teutas, listadas em tabelas, com diferenciação por ramo de atividade, porte e localização. Considero o trabalho de Gans leitura obrigatória para quem quiser estudar os alemães em Porto Alegre.

não somente expandem a agricultura como também se encarregam das atividades comerciais dela decorrentes. São alemães os ‘vendistas’ que reúnem os excedentes da produção de subsistência dos colonos, por meio do escambo na fase anterior à generalização da agricultura comercial. São alemães os exportadores e importadores sediados em Porto Alegre, que adquirem os produtos coloniais dos ‘vendistas’ e lhes fornecem artigos importados. São alemães ainda os que organizam a navegação fluvial no Jacuí (Becker), no Rio dos Sinos (Irmãos Diehl e Blauth), no Caí (Keller, Jann, Schaar, etc.) e no Taquari (Jaeger, Ruschel, Arnt). É um alemão (Becker) que organiza o primeiro estaleiro, em 1856, em Porto Alegre (Singer, 1977, p.164).

Uma avaliação ainda mais exagerada fez Hörmeyer (1980, pp.24-25), em 1853, quando descreveu Porto Alegre como “uma cidade inteiramente alemã”, na qual haveria predominância dos brancos em relação aos negros e todas as atividades comerciais estariam em mãos de alemães. Criticando o “deslumbramento etnocêntrico” de Hörmeyer, Gans (1996) oferece um levantamento bem mais confiável e documentado da presença teuta em Porto Alegre na segunda metade do século XIX. Mesmo evitando exageros, é inequívoco que a cidade percebeu fortemente a presença desse elemento imigrante. A influência alemã na cidade podia ser sentida também fora do meio econômico, como no associativismo — que produziu um grande número de sociedades culturais e esportivas de caráter étnico, com a prática de esportes como o ciclismo, a ginástica, o remo — ou na arquitetura, tanto em relação à presença de arquitetos e artífices quanto em relação ao estilo arquitetônico.

Chegando na década de 80, o imigrante vê as condições de integrar-se economicamente na nova sociedade. Além de encontrar um grande número de patrícios bem estabelecidos, depara-se também com uma certa preferência pelo trabalhador branco/imigrante no mercado de trabalho. Nesse sentido, o imigrante era identificado como “força redentora”, ao contrário dos negros que “eram associados ao não-trabalho”, “mão-de-obra da mais baixa categoria, só empregada quando faltasse a força dos brancos, estrangeiros ou nacionais” (Pesavento, 1998, p.119). Nota-se, com isso, que nem todos os alemães que permaneciam em Porto Alegre faziam fortuna, mas sim que

parte deles disputava o mercado de trabalho com ex-escravos ou, às vezes, trabalhava junto desses. Havia, pois, uma “heterogeneidade social” entre os teutos da capital, muitas vezes subsumida em relatos etnocêntricos, como o de Hörmeyer, por exemplo. O trabalho de Gans (1996) é também aqui uma boa referência para a questão da heterogeneidade. A autora demonstra, por exemplo, que entre os alemães mais afortunados, havia quem possuísse escravos, fato que foi negado por muito tempo pela historiografia da imigração.

Chegando na década de 80, o imigrante também vê as condições de participar da política. Antes de 1881, a legislação brasileira não dava direito de voto aos não-católicos, contingente significativo entre os imigrantes alemães. Com a Lei Saraiva, criou-se a possibilidade mais concreta de eleger uma bancada teuta para atuar na Assembléia Provincial. Dos cinco deputados que compuseram essa bancada nos últimos oito anos do Império, destacou-se Karl von Koseritz como figura símbolo do processo de integração política dessa população (Gertz, 1987, p.35).

Ambientando-se à nova paisagem, o imigrante entra na rua da Bragança, na esquina da *Casa Masson* e da *Pharmacia Central*, só que pelo lado oeste. Ali ele encontra uma continuidade da zona comercial e, muito especialmente, teuta. Também passa por um prédio, na altura do número 63, que, sem forma externa de templo, é utilizado pela comunidade teuto-católica da cidade para a realização de suas missas, casamentos e batismos¹⁵. Entre as impressões que a rua lhe causa, uma o desagra: o esgoto à mostra que faz exalar cheiros dos mais desagradáveis (Pesavento, 1996, p.25).

Andando um pouco mais, se avista a Praça do Mercado, local onde, até 1870, erigia-se o prédio do antigo varejo alimentício. Do novo, mais à frente e à esquerda, podiam ser vistas, na década de 80, as árvores plantadas no seu interior que se “projetavam para além da volumetria” do prédio (de um pavimento só) (Franco, 2000, p.118). Um movimento acentuado de car-

¹⁵ A Comunidade São José permaneceu nesse endereço provisório desde 1871 até 1913, quando se transferiu para a rua São Rafael (atual Alberto Bins) (Gans, 1996, p.32).

retas vinha do Caminho Novo com produtos para ser ali vendidos; carroças de vendeiros circulavam ao redor do novo mercado; e várias pequenas embarcações atracadas nas docas compunham a paisagem junto ao rio. Essa primeira visão não permite ao imigrante observar em detalhes seu objeto de identificação: a presença teuta também era encontrada no mercado. Açogueiros, comerciantes de secos e molhados, latoeiros com sobrenomes Burkhard, Dexheimer, Mensch, Nagel, Sanger, povoaram os espaços do mercado público (ver Gans, 1996).

Depois de mirar  esquerda, onde se tem a vista do Mercado, o imigrante entra  direita, no Caminho Novo, para ali dar fim  sua viagem. Uma rua de intenso tráfego — de pedestres e carretas —, calçada com pedras irregulares que se estendia ao longo do rio por um longo trajeto. Ao longe, podia ser vista a estação de trens, construída em 1875, onde parecia ter fim o calçamento.¹⁶ Mais uma vez o reconhecimento dos nomes gravados no fronto das casas de comércio: grandes importadores de ferros, como Theodor Bier, Lothar de La Rue, Wilhelm Deistel e Graf; fazendas e outras manufaturas, como Wilhelm Blauth, Francisco Friderichs e Peter Jung; secos e molhados, camisas, porcelanas, além de oficinas de carpintaria, marcenaria, serralheria, padeiros, alfaiates, pintores e sapateiros, ou a cantaria de Miguel Friederich, no número 62. O Caminho Novo parecia ser todo alemão, assim, ao menos, ficou registrado na memória de muitos moradores de Porto Alegre: a “rua dos alemães” (Gans, 1996, p.29).

Ao terminar sua trajetória de viagem, parece claro ao imigrante que seu futuro pode partir da: uma rua tão alema, em uma cidade tão alema, não deixaria de dar lugar a mais um alemão. A cidade que ele viu tem muito de real e tmm muito de sonho, já que o seu desejo de permanecer um alemão o manteve de olhos fixos no que o identificava. Com o passar do tempo, o sonho — permitido, tolerado ou ignorado — de construir uma nova

¹⁶ Segundo Gans (1996, p.30), “continuou-se o calçamento com pedras irregulares do mercado até a estação em 1881 (com paralelepípedos, só em 1895)”.

pátria, a partir de uma nova cidade e da identidade alemã legada pelos seus ancestrais, perde as possibilidades de tornar-se concreto. Os ventos do século XX o farão esquecer “a fidelidade ao modo de ser alemão”¹⁷, para poder integrar-se definitivamente ao lugar que adotou para viver.

Bibliografia

BAKOS, M. *Porto Alegre e seus eternos intendentes*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996.

BURKE, P. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

CARNEIRO, L. *Porto Alegre: de aldeia à metrópole*. Porto Alegre, Marsiaj Oliveira, Oficina da História, 1992.

DAVIS, N. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FAUSEL, E. *Alberto Bins. O merlense brasileiro*. São Leopoldo, Rotermond, s.d.

FRANCO, S. *Gente e espaços de Porto Alegre*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2000.

FRANCO, S. *Porto Alegre e seu comércio*. Porto Alegre, Associação Comercial de Porto Alegre, 1983.

FRANCO, S. *Porto Alegre: guia histórico*. 2ª ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1992.

GANS, M. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

GERTZ, R. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

GINZBURG, C: Provas e possibilidades à margem de “Il ritorno de Martin Guerre”, de Natalie Zamon Davis. IN: GINZBURG, C. *A Mi-*

¹⁷ “Em todo o amor ao Brasil, manter a fidelidade ao modo de ser alemão” sintetiza o pensamento desenvolvido por Jacob Aloys Friederichs durante sua vida e liderança junto aos teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul.

cro- História e outros ensaios. Lisboa: DIFEL, 1989. pp. 179-202.

HISTÓRIA ilustrada de Porto Alegre. Porto Alegre, CEEE e Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1999.

HÖRMEYER, J. *O Rio Grande do Sul de 1850*, Descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil Meridional. Trad. Heinrich A. W. Bunse. Porto Alegre, D.C. Luzzatto Ed., EDUNI-SUL, 1986.

KOSERITZ, C. von. *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980.

LENZ, C., SCHÄFER, H. e SCHNACK, J. *Memórias de um Brummer*. Porto Alegre, EST, 1997.

MACEDO, F. R., *Porto Alegre: origem e crescimento*. 2ª ed. Porto Alegre, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999.

MONTEIRO, C. *Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1995.

MOTTER, A. *As relações entre as bancadas teuta e luso-brasileira na assembléia Legislativa Provincial*

Riograndense (1881-1889). São Leopoldo, 1998. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

ORTIZ, R. "Walter Benjamin e Paris: individualidade e trabalho intelectual", *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. V.12, n.1, , p.11-28, maio de 2000.

PACHECO, R. *O cidadão está nas ruas: representações e práticas acerca da cidadania republicana em Porto Alegre (1889-1891)*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2001. (Coleção Acadêmica)

PESAVENTO, S. *A emergência dos subalternos*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1989.

_____. *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.

_____. (coord) *O espetáculo da rua*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

_____. *Os pobres da cidade: vida e trabalho* (1880-1920). 2ª ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1998.

_____. “Lugares malditos: a cidade do ‘outro’ no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX)”, *Revista Brasileira de História*, ANPUH, São Paulo, v.19, n.37, 1999a, p.195-216.

_____. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano- Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1999b.

RAISON, J. P. “Migração”, in: *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986, pp.488-517.

ROUANET, P. “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?”, *Revista da USP/DOSSIÊ Walter Benjamin*, n.15, set-out-nov. 1992.

SEIDLER, C. *Dez anos no Brasil*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, EDUSP, 1980.

SCHORSKE, C. “A cidade segundo o pensamento europeu: de Voltaire a Spengler”. *Espaço & debates*. Imagens e representação da cidade. Revista de Estudos Regionais Urbanos, ano IX, n.27, 1989.

SINGER, P. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

WEIMER, G. Vida e morte da cidade teuto-gaúcha, in: WEIMER, G. (Org.) *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992, pp.57-74.

ZAIDMAN, D. *Imigração ao Brasil no império: o caso particular da hospedaria de imigrantes da Ilha das Flores*, Niterói, 1983, Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense (UFF).